

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO V AZ

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTÓNIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 20\$00  
Assinatura Anual para o Estrangeiro: 50\$00

ANO — XVI — N.º 24

Melgaço, 1 de Abril de 1962

## Falam os rapazes de Melgaço!

### Em frente, juventude, de cabeça ao alto!

A guerra no nosso Ultramar teve a sua origem na ingénua, mas fervorosa expressão denominada "colonialismo", carinhosamente passeada pelo veículo da propaganda internacional, que no mundo ostenta um enorme rótulo com as enxovalhadas iniciais da Organização das Nações Unidas.

Essa Organização, mais ou menos falida em todos os seus aspectos fundamentais, tem concedido apoio incondicional a crimes repugnantes, em benefício de complicados climas ideológicos, com os quais só o Ocidente tem perdido e humildemente batido em retirada das posições chave que antes ocupava. Não vale a pena enumerá-los, suponho eu, porque os conhecemos, todos, e portanto seria ocioso referi-los.

Grita aos quatro ventos pela "autodeterminação" dos povos africanos; mas, a única finalidade positiva desses olímpicos campeões da "libertação" é a de fomentar o ódio em vez do amor, criar problemas raciais, semear ideologias, colher interesses — e pouco mais, a não ser a desgraça, porque, em vez de lhe garantirem o progresso e a paz, concedem-lhe amavelmente a miséria, as lutas sangrentas, a infelicidade total.

Nós, que encetamos a alta tarefa colonizadora no século XV furtando à fome e ao animalismo as nossas Províncias Ultramarinas, continuamos hoje a seguir o mesmo rumo, bem diferente do adoptado por certas potências ocidentais, pelo que cumprimos integralmente o dever de País civilizado.

E o que importa sobremaneira é continuar, não só porque estamos agora em melhores condições de o fazer, como mais preparados para aceitar honestamente o que está bem, e reparar o que está errado, sem no entanto nos alhearmos à obrigação de proteger a pessoa e os bens de todos os portugueses, e de enquadrar, concomitantemente, no padrão social e económico tantos quantos seres humanos que por teimosia própria se têm esquivado à assimilação voluntária, por preferirem viver à margem de condições naturais que não se coadunam já com o viver dos nossos dias.

No entanto, convém salientar que dessa desagregação forçada poderia resultar perigo comum por permitir o descontentamento de diversos agregados familiares e consequentes problemas de ordem económica, que podiam ser explorados pelos nossos inimigos. Refiro-me, evidentemente, às diversas tribos de outras tantas origens que vivem espalhadas pelas nossas províncias ultramarinas, sob a mesma economia doméstica.

O certo é que, com os nossos Irmãos do Ultramar não temos tido felizmente problemas de natureza racial e isto porque, o que a eles e a nós convém, é mantermo-nos eternamente portugueses, trabalhando mais e mais, para que Portugal continue a ser de todos, e para todos, cada vez

(Continua na 4.ª página)

## O SANTO PADRE

NAO ESQUECE OS PRISIONEIRO PORTUGUESES EM GOA

O Internúncio em Nova Deli foi duas vezes a Goa, mandado expressamente pelo Santo Padre, para visitar os prisioneiros portugueses.

Levou-lhes presentes individuais — tabaco e sabão para todos.

Comprou todos os cobertores que pôde obter e 400 pares de sandálias para lhes dar. Deixou onze mil rupias (cerca de 60 contos) à Comissão da Caridade para franquias de cartas, telegramas e medicamentos.

## Notícias católicas

ROMA — O cardeal Vitzinsky despediu-se, há dias, do Santo Padre, teve uma afectuosa despedida na estação de Roma, onde muitos fieis que o foram aclamar, cantaram hinos religiosos e voltou para a sua terra, nação comunista da Polónia, onde o Governo não consegue apagar no povo os seus sentimentos religiosos. Ainda há dias, ali foi inaugurada uma igreja feita pelos operários, nas horas de descanso e em honra de N. Senhora de Fátima.

FÁTIMA — Foi grande o movimento religioso neste santuário durante o ano: cerca de 400.000 comunhões, um milhão e quinhentos mil peregrinos, 20.000 crianças da diocese de Leiria, que aqui vieram a pé e debaixo de chuva torrencial, 7.000 homens, da mesma diocese que também ali vieram a pé, 600 finalistas das escolas do Magistério do país, 4.000 pescadores dos vários centros piscatórios, 600 argelinos, com o seu arcebispo à frente, 10.000 pessoas vindas a pé de várias terras, o encontro de 200 universitários, a peregrinação nacional de Polícia de Segurança Pública, e 129 peregrinações estrangeiras. Aqui esteve Sua Ex.cia o Chefe do Estado e sua Ex.ma Esposa.

LURDES — O movimento de peregrinos a este santuário foi no ano findo, de dois milhões e quinhentas mil.

LISBOA — Cerca de 1.800 alunos universitários fizeram a sua comunhão pascal. Quando fazes a tua? Ou não és católico?

BUENOS AIRES — Está ainda na memória de todos, a memorável cerimónia que se fez a N. Senhora, na imagem de N. Senhora do Carmo. E foi assim que o Presidente Frondizi na presença de Autoridades e de muito povo, colocou ao pescoço da veneranda ima-

(Continua na 4.ª página)

## O povo alemão

por ABEL VARELA E SEIXAS

Sempre o estimamos, sem que para isso mais não contribuísse que a admiração que nos causam as suas qualidades de trabalho, perseverança, inteligência e apego. E da própria obediência, pois é das leis e da tradição, que o alemão, sempre gostou de obedecer para cumprir e progredir. E mais ainda: — não conhecemos na nossa diminuta sabedoria, que alguma vez nos atacassem, espezinhassem ou traissem. Não temos com ele dos chamados tratados de aliança militar, e a verdade é que, se algumas vezes nos tivemos de bater, fizemo-lo frente a frente, com galhardia e da nossa banda em nome de tratados e compromissos que jamais traímos. Teremos tido reciprocidade? Não nos negaram até uns tantos aeródromos para que, apenas pousando neles as nossas naves aéreas, podessemos ir socorrer os nossos irmãos que defendiam, de pé e à portuguesa, as terras sagradas da Roma do Oriente — Goa, Damão e Diu — do mais feroz e vil agressor, ladrão, salteador e covarde, bandoleiro de esquina e de todos os tempos? A aliança não contou e a comunidade ficou mais rica, riquíssima, com o produto do latrocínio...

O "heroico" Menon, o não menos "glorioso" Nehru, o pandilhista, escreveram a mais "brilhante" página da covardia mundial, de sempre, de todas as eras! "Conquistaram", ou antes roubaram, porque sabiam que a defesa era pequena, com os seus "heroicos" soldados — agora saqueadores e assaltantes das populações pacíficas — os pequenos bocados que eram acusação permanente à incúria e fome da Índia, que eram Luz da Cristandade no Oriente. O herdeiro do Império das Índias, membro da comuna, pode, como César, dormir à sombra dos louros colhidos!... Fica na História, não tenhamos dúvidas, como o mais ordinário, reles e soez dos chefes, com o apodo, do pacifista dos roubos. Porisso e só porisso, "os sinos da velha Goa e as bombardas de Diu, serão sempre portugueses", porque não há memória, não é possível, que aquilo que se rouba, se considere propriedade do ladrão, embora disponha das protecções dos que foram grandes, fidalgos arruinados, ou forças de maçonaria internacional. Adiante...

O soldado prussiano, pelo aprumo, nacionalismo e valentia, impõe-se; para o derrotar, e é dos nossos dias, é preciso o mundo inteiro. Mas tudo vem ao caso e como preâmbulo para manifestarmos a satisfação e agrado que nos causou o magnífico concerto público que nos foi dado ouvir, pela Banda dos seus navios de guerra da Alemanha Ocidental, que recentemente nos visitou. Do "Graf Spir" e do "Hiper". Não somos versados no assunto mas, pelos aplausos que mereceram da enorme multidão que os escutou, não nos restam dúvidas de que se tratava de mais uma página do livro do ressurgir dum Povo, que tem a Pátria e a própria Capital dividida, duma guerra em que foi duramente derrotado. Não esqueceremos facilmente o que nos empolgou — e a quem ouviu — quando os timbales ocuparam lugar frontal à Banda, lado a lado com as cornetas das fanfarras em que os homens pareciam estátuas e donde pendiam flâmulas com a águia germânica. Simplesmente arrebatador! Comovente e grande, a execução, de pé e perfeitíssima, do "Hino Nacional Português" que, no final, sem dar lugar aos aplausos que começaram a brotar, se seguiu, ligado com o "Hino Alemão".

Deixaram gratas lembranças os rapazes da esquadra da República Federal Alemã. Educação, correcção, aprumo, simpatia. E daqui, como é óbvio, resultaram comparações, que não vem para o caso.

Pairaram alto as Águias Imperiais! A Negra, de Frederico I; a Vermelha, de Jorge Guilherme e até a Branca, de Ladislau, rei da Polónia!

Bem hajam e gratos por tão ameno fim de tarde!

## Por Santa Rita, 12

Todos nos perguntam como vão as obras, cá por estes lados de Santa Rita.

E esta pergunta, se nos dá muito gosto, porque revela interesse por esta causa, que é de todos, dá-nos também muito desgosto, pois temos de responder que andamos a pagar dívidas o que leva o seu tempo...

Mas vamos recomeçar com o enchimento do terreiro, a ver se na próxima festa já há mais por onde osromeiros passearem.

— Houve aqui, há dias, uma festa característica: — as pequenas das escolas cá da freguesia, vieram trazer as suas ofertas em árvores, para a nossa floresta. Vieram todas e todas trouxeram uma árvore, pequena ou maior um pouco, conforme as suas possibilidades.

Estamos-lhes muito grato e aos srs. Professores. Se viessem mais, como seria lindo e útil...

— Também houve aqui mais um casamento, o terceiro, dentro de poucos meses, o do sr. Júlio Augusto Bafião, com a gentil menina, Irene Ana Mendes, ambas da Paços. Foram padrinhos o sr. Manuel Esteves e sua Esposa, do lugar de Azera. Os noivos seguiram depois para o sul, em viagem de núpcias. Desejamos-lhes uma peregrina lua de mel.

— Tem aqui subido muitosromeiros, de todas as terras do nosso concelho, e Parada, que tanto nos estimam mantem-se à frente. Graças a Deus!

— Também aqui esteve uma Senhora, vinda de França, em férias, a Senhora D. Conceição Adelaide Lourenço, que nos deixou uma valiosa oferta sua e outra do nosso grande amigo, sr. Abílio Domingues, de Prado, cuja casa, foi para o humilde redactor destas linhas um precioso «banco», no dia da visita a sua casa nos arredores de Paris. Todos nos deram e tanto!

Nada faltou ali, nem o carinho de todos, nem o calor do ganho, que fez um prodígio de velocidade, para mais visitas a amigos de Santa Rita, nem as saudades pela linda terra de Prado, do concelho e de Santa Rita.

Os donativos são como segue: Do sr. Manuel Domingues Rodrigues, nas vésperas do seu casamento, 100\$00 e o que ele nos dá quando vem sempre à sua terra ali, à Carpinteira... Um grande amigo que temos em Prado, atingiu com os seus 20\$00 últimos a linda soma de 1.000\$00 (Oh! se todos quiséssemos...), do sr. Luís Abreu, digno guarda fiscal, mais 20\$00; do Sr. Manuel Domingues (Táboas), da Aldeia, na véspera da suaabalada para França e depois de fundar o seu lar na Aldeia, mais 50\$00; do sr. Arnaldo Rodrigues, da Sante, 20\$00; do sr. António Rodrigues dos Perceiros, nas vésperas da sua ida para terras de França, mais 145\$00 (também nunca vem à sua terra que não repara com a nossa Padroeira); da sr.a Regente em Fiães, na convento, sr.a D. Judite Celeste Ribeiro, mais 20\$00; da sr.a Idalina Esteves, de Couso, 30\$00; da sr.a Rosa Esteves, de Parada do Monte, 50\$00; da sr.a Maria Esteves, de Parada, 20\$00; do sr. António Alves, das Quingostas, S. Paio, 20\$00; do sr. Celestino, que tantos anos visitamos na Quinta e agora regressou ao aconchego dos seus, em Cavaleiros, mais 10\$00; do sr. António Augusto Gonçalves Ribeiro, digno funcionário no tribunal do Trabalho, no Porto, mais 50\$00; do sr. Lindolfo Durães, de Oleiros, 100\$00; do tesoureiro, no mês de Janeiro, 725\$00 e no de Fevereiro, 230\$00; da sr.a D. Alice Trancoso, de Lisboa, 20\$00; do Sr. David Teixeira, considerado comerciante na vila, mais 25\$00; do sr. Abílio Domingues, de Prado, ausente em França, mais 3.000 francos e mais 2.000 da sr.a D. Conceição Adelaide Lourenço, da sr.a Maria Pires, de Parada, 50\$00 e da outra Senhora, também Maria Pires, de Parada, 10\$00.

Graças a Deus!

## SOCIEDADE

### Aniversários

FAZEM ANOS: — Hoje, as srs. D. Isaura Gomes de Sousa, prof.a D. Maria Cândida da Cunha Esteves e D. Maria dos Ramos (Gomes de Sousa, e a menina Rosa Maria Gonçalves; amanhã a sr.a D. Maria Augusta Lourenço e o sr. Paulo da Cruz Domingues; no dia 3 o sr. Manuel Bernardo de Araújo; no dia 4 a menina Maria Afra de Jesus Soares; no dia 5 o sr. Gaspar Magno Pereira de Castro e os jovens António da Ascensão Dantas da Costa Afonso e Manuel Augusto Gomes de Sousa; no dia 6 a veneranda Senhora D. Maria Rosa Cortes Lopes; no dia 7 o jovem Armando Henrique Gomes de Sousa; no dia 8 a sr.a D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa; no dia 9 a sr.a D. Ana Maria Lima Peres Dias e os srs. Abel Francisco Pereira e arquitecto Luís Manuel de Magalhães Fernandes Pinto e Manuel Lourenço da Rocha; no dia 10 a menina Maria Alice de Lima; no dia 11 a sr.a prof. D. Noémia Alves Dantas, os srs. Eduardo Henrique Pinto Ribeiro e Jaime Macker Gonçalves e a menina Maria Nazaré Rodrigues de Araújo; e no dia 14 a sr.a D. Clea Domingues Cordoville e os srs. Gilberto António Cardoso, prof. Manuel Augusto Vaz e Manuel Inácio Durães.

NASCIMENTO — Em Lourenço Marques, nasceu há dias, uma linda e robusta menina, filha do nosso estimado amigo sr. Luís Henrique das Neves Pinheiro e de sua Esposa sr.a D. Leonize Souma Pinheiro, passando esta, assim como a recém-nascida, muito bem.

A neófita, que é neta paterna do nosso muito amigo sr. Henrique Luís de Barros Pinheiro, gerente comercial naquela cidade é natural da vizinha freguesia de Prado, e de sua Ex.ma Esposa sr.a D. Maria Júlia das Neves Pinheiro, oriunda de Valença do Minho, desejamos todas e as maiores felicidades.

### POR PADERNE

#### NA PRIMEIRA QUALQUER CAI

No passado dia 18, chegaram a esta freguesia dois indivíduos, praticamente desconhecidos, que dizendo virem trabalhar para o nosso Convento, levaram na sua falsa "cantiga" alguma da gente simples e de boa fé, da nossa terra.

Um deles, já conhecido por algumas pessoas, pois já noutro tempo, de facto, tinha trabalhado nas obras do Convento, tornando-se muito popular com algumas habilidades que sabia e tinha aprendido num circo onde dizia ter trabalhado, não teve grande dificuldade em recordar a antiga amizade e simpatia de algumas pessoas.

A principal vítima dessa amizade foi o Sr. Aníbal Caldas, do lugar do Pinheiro, que vendo-os famintos como vinham não hesitou em lhes oferecer um grande pedaço de broa o que eles comeram com a sofreguidão de quem não come há dois ou três dias.

No dia seguinte, pela manhã, dirigiram-se a casa do Sr. Caldas, onde lhes foi oferecido e servido um bom chouriço e uma garrafa de vinho branco, como almoço. Em seguida pediram para que lhes deixasse fazer a barba com a sua navalha, ao que ele acedeu prontamente. Por fim retiraram-se satisfeitos, certamente estudando bem os seus planos.

A tarde, pelas três ou quatro horas, voltaram a casa do Sr. Aníbal, mas desta vez entraram sem pedir licença. Seguros de que o seu amigo não chegaria tão cedo, puderam trabalhar calma e silenciosamente, levando em sua companhia a importância de 1020\$00 em dinheiro, dois relógios de pulso, a navalha com que momentos antes se haviam barbeado e outros objectos de algum valor.

A noite quando o nosso amigo ia ver as horas e notou a falta dos relógios, percebeu o que lhe tinha acontecido e correu a dar conhecimento à G. N. R.

(Continua na 3.ª pág.)

## Prado, 25

Pêsames—Envio-os muito sentidos à Ex.ma Sr.a D. Luzia dos Santos Cunha Raquel, da Rua das Necessidades, n.º 15 — Lisboa — pelo prematuro falecimento do seu saudoso marido o meu muito amigo sr. Carlos Presperi Raquel — um Homem Bom em toda a acepção da palavra.

O chorado extinto, que já há alguns anos frequentava as nossas Termas, hospedando-se sempre no consagrado "Hotel Ranhada" em louvor do qual frequentemente me dizia: — "É um bom estabelecimento hoteleiro, e só quem for muito exigente poderá exigir melhor trato. Estamos ali como em nossa casa". Não foi, contudo, a diabetes que o vitimou, pois desta, graças às nossas miraculosas Águas, já ia estando bom mas, sim, um enfarte do miocárdio.

Paz à alma do querido e saudoso amigo.

— De Angola, escreve uma carta a sua mãe o nosso amigo José Luís Barreiros, da qual destaco o passo que segue: "Cá tenho recebido com toda a regularidade "A Voz de Melgaço", o que muito estimei, pois só quem estiver nestas paragens é que bem saberá apreciar. É um bom jornal e foi uma ideia santa a de quem se lembrou de no-lo enviar".

Sem comentários...

— Fez há dias exame para a G.N.R., tendo ficado apurado, o nosso amigo Augusto Domingues Trancoso, de Santo Amaro, pelo que aqui lhe deixo o meu abraço de parabéns.

— Do Canadá, acaba de chegar a esta o nosso prezado amigo sr. António Joaquim Afonso, filho do sr. José Bento Afonso, do Coto.

— Também se encontra entre nós, chegada de França, a menina Conceição Adelaide Lourenço, filha da sr.a Rosalina da Paixão Alves, dos Bouços.

— E acaba de chegar à sua vivenda a bondosa Sr.a D. Isolina de Moura Gomes, que como sempre veio acompanhada de sua gentil sobrinha menina Eduarda da Conceição Gomes, e suas dedicadas criadas.

Para todos, muito boas-vindas. — (C.)

## Pinto de Magalhães, L.da

### BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas

LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

## Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

## «Gente e coisas de o meu Ficheiro»

(Continuação da 4.ª página)

ergueu altivo e magestoso; aproximando-nos, porém, topa-se o caminho escabroso que só pode ser trilhado por pessoas de robustez física. Eu, dado o meu estado de saúde... só com um guindaste podia ser lá alçado.

Lá em cima, o espaço é relativamente restrito, mas mesmo assim, segundo se depreende da planta rasa do Livro das Fortalezas do Reino — manuscrito feito à pena nos primeiros lustros do século XVI por Duarte d'Armas, agora guardado na "Casa Forte" da Torre do Tombo, onde, tão bem que mal, pude copiar algumas gravuras — ainda foi possível construir ali uma espécie de paralelogramo-rectângulo, pouco perfeito a norte, medindo 40 x 36 braças, e circunscrevendo torre de menagem, que era como a de Melgaço; quartéis, constituídos por cinco dependências; cisterna para água, e o competente paiol que, segundo os historiadores crendeiros, em tempos de D. Diniz se foi pelos ares com a explosão dum raio, o que não pode ser, porquanto o uso bélico da pólvora — muito embora conhecida — só foi conhecido em 1346, ano em que os Ingleses a utilizaram pela primeira vez na batalha de Crèscy, e o nosso Rei Lavrador reinou de 1279 a 1325. Os portugueses só haviam de entrar em contacto com a pólvora em Aljubarrota, em 16-8-1385, data em que os castelhanos a empregaram nos seus "trons", que afinal de nada lhes serviram...

Ora, nestas muralhas abriam-se duas portas: uma a Norte e outra ao Sul; um pequeno postigo a Oeste, que comunicava com um cubelo ou torre albarrã, de base quadrangular, e possivelmente ainda outro aberto na muralha de Leste, pelo qual, lançando uma escada de encostar, seria fácil ir à fonte, que ficava, e fica, aproximadamente a meio da escarpa deste lado, ou seja a que olha para Anamão.

Destas portas, a do Meio dia, que ainda hoje conserva o nome de Porta do Sol, daria entrada a cavaleiros montados e até a carros militares, se estes pudessem ser até ali guindados; porém a do Norte é de difficilissima entrada, mesmo de rastos, pelo que os antigos lhe puseram o nome de Porta do Sapo — nome que ainda conserva.

É terrível...

Para trepar à rocha, que dá acesso a esta porta, tiveram de cavar-lhe a picachão alguns degraus de tosca escadaria por onde só transita bem quem for hábil ginasta e tenha algumas luzes de alpinismo. Uma vez vencida esta dificuldade, alcança-se a famosa porta, ante a qual, como dragão vigilante, está postado um enorme penedo cónico de cerca de três metros de alto, como a querer travar o passo ao indesejável forasteiro que ousa invadir-lhe seus domínios. Entre este e a rocha viva, passa-se por estreita brecha, e desta à Porta do Sapo, situada na esquina das muralhas... arrepiam-se os cabelos, atravessando um curto espaço sobranceiro a medonho despenhadeiro. Mal se acredita que por ali transitassem miseros mortais...

(Continua)

MARIO

## POR PADERNE

(Continuação da 2.ª página)

Era já demasiado tarde. Os larápios haviam desaparecido e as obras do Convento continuam paradas.

Bons agradecimentos, não haja dúvida!...

Que logo tenham recompensa da sua proeza.

## BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO

No dia 26 pelas oito horas da noite o Sr. Luís Maria Martins de Melgaço estacionou o seu automóvel no lugar da Corredoura, desta freguesia, enquanto ia visitar os sogros no lugar do Convento.

Quando regressou ao carro notou que três dos pneus estavam vazios. Ao verificar a causa compreendeu que alguém os havia cortado com um instrumento possivelmente pontiagudo. Participou o caso à G.N.R. que está em averiguações. Que tenham pleno êxito. — (C).

## VENDE-SE

Grande Propriedade denominada "Casa do Outeiral", composta de casa de morada, com muitas divisões, rés-do-chão e 1.º andar, adega com todas as pertenças e lagar, campos de lavradio com água de rega, vinha e coutadas com madeira, na freguesia de Valadares.

Falar com Joaquim Páris

Casa Dantas &amp; Páris — MONÇÃO

## Notícias locais

## VIANA DO CASTELO

Espera-se que se levante aqui uma fábrica de montagem de automóveis.

Foi pedida ao Sr. Ministro da Educação a criação da Escola do Magistério Primário nesta cidade, que muito vem beneficiar todo o distrito.

PORTO — Foi nomeado Comandante da Legião Portuguesa no Porto o Senhor Coronel Amadeu César Lopes, que em Veneza foi por vários anos, comandante da Guarda Fiscal.

MELGAÇO — Volta a falar-se, com muito desgosto, da inércia que se nota no começo dos trabalhos, para a construção das novas escolas da vila. Que mão oculta haverá nos subterrâneos destes imprescindíveis trabalhos?

— Que falta para se começar, se já aqui vieram técnicos, um lente da Universidade do Porto (talvez caso único!) e o próprio Senhor Ministro das Obras Públicas?

— Mais um assalto nocturno, nesta vila e desta vez à Ex.ma Senhora D. Maria de Lurdes Carvalho, no Rio do Porto.

— Debaixo das portas de vários moradores na vila, foram há dias postos manifestos clandestinos.

Não os vimos. Mas é certamente para nos avisar de que os comunistas de Berlim já deitaram abaixo o muro, onde foram mortos muitos dos que tentavam fugir do paraíso.

ARCOS DE VALDEVEZ — Da noite para a manhã de 27 apareceram debaixo de várias casas, manifestos clandestinos.

S. GREGÓRIO — Passou aqui no dia 17, mais uma camionete com homens que regressam aos seus trabalhos de França e no próximo dia 29, volta outra.



## Maria Pereira

## Agradecimento

Sua família, profundamente sensibilizada, agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la na doença e na morte da sua querida finada.

Parada do Monte, 19 de Março de 1962.

Leopoldina Pereira  
Quintino Domingues  
Manuel Domingues  
António de Jesus Domingues  
(ausente)

## Cousso, 28

A NOSSA ESTRADA — Já começaram os trabalhos da nossa tão desejada estrada.

Agora não temos dúvida, vamos conseguir um melhoramento de que tanto necessitamos e que os habitantes da nossa terra há tanto tempo aguardavam.

É uma notícia muito agradável para os rapazes de Cousso que trabalham em França e outros espalhados pelo mundo fóra, pois segundo nos informaram para o próximo mês de Novembro poderão vir de automóvel, ou qualquer outro veículo visitar a sua terra natal.

## DA VILA

Março, 25

## ECCE ITERUM CRISPINUS...

É já no próximo dia um de Abril que o nosso estimado leitor, se quiser andar com o passo acertado, não deve esquecer de adiantar o seu relógio de 60 minutos, entrando assim na chamada hora de Verão. Assim como se algum engraçado nesse dia lhe disser que a pesca do salmão tem sido abundantíssima; que se vem procedendo à montagem da nova energia eléctrica, etc., etc., não acredite, porquanto tudo isso é mentira...

Crispino

Desastre pessoal — Quando há dias o nosso velho amigo sr. José Augusto Trancoso (Zé Crujo), das Carvalhiças, sobre um mocho da cozinha, atava a latada de ao pé da porta, caiu desastrosamente, do que lhe resultou fracturar, pela segunda ou terceira vez, uma perna. Socorrido no Hospital desta Vila, teve de transitar para Viana do Castelo, em estado algo melindroso.

Desajamos sabê-lo pronta e completamente restabelecido.

Falecimento — No Hospital da Misericórdia, faleceu, no pretérito dia 18 a sr.a Ana Delfina Dias, de 84 anos, filha de João Cândido Marinho (Cândido da Orada) e de sua primeira mulher Maria Delfina Dias (Rodeira) e viúva desde Abril de 1946 de Luís Magno Gomes, com quem tinha casado em 10-12-1900. Teve taberna durante muitos anos no Visa e era pessoa muito estimada.

Paz à sua alma e a toda a família enlutada os nossos sentidos pêsames.

O tempo e a agricultura — Vai um tempo de raras paraísos compostos.

— Aos interessados lembramos que em Abril podem semear: Abóboras, agriões, aipo, alfaces, alho-porro, beringelas, batarrabas (todas), cenouras, coentros, couves diversas (especialmente couve-flor), ervilhas, espinafres (todos), feijões, linho, melancias, melões, mostarda, pepinos, pimentões, rabanetes, salsa, tomates, etc.

— Continua a plantação de batatas; tosquia-se o gado lanigero; ultimam-se as enxertias e plantações de videiras e árvore de fruto, vão-se já preparando os pulverizadores e as enxofradeiras, e nas terras de sequeiro iniciam-se as sementeiras de milho e feijão.

Lázarus, Ramos e na Páscoa estamos.

## Agradecimento

O abaixo assinado, na impossibilidade de o fazer pessoalmente e, ainda, no bom desejo de suprir faltas inevitáveis, usa deste meio para exprimir o seu profundo e indelével agradecimento às inúmeras pessoas e amigos que se dignaram significar-lhe a sua amizade e estima, informando-se, de qualquer modo, pelo seu estado de saúde, durante o período evolutivo da sua doença.

Melgaço, 25 de Março de 1962.

Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva.

## NAS VESPERAS DA PASCOA!

Há pelo menos uma coisa, em que certos católicos se parecem com os maçonicos: — não se confessam nem comungam pela Páscoa...

Rapazes de Melgaço em terras de França: — procurai os vossos capelães ou outros sacerdotes e confessai-vos, comungai pela Quaresma. Sois da terra de Nossa Senhora de Fátima!

Graças ao sr. Presidente da a Nossa Senhora, rapinha da Junta e ao nosso estimado paz.

Pároco, que tanto trabalhou. Ao Sr. Padre Justino Dorram para que o caso das nossas minguês, a quem devemos a sa estrada se tornasse em realidade, e toda a ilustre comilidade. Graças ao Sr. Presidência, os nossos agradecimentos da Câmara e graças tos.

— Também causou grande regresso nesta freguesia a nobre e a grande notícia de que vão ser construídos dois edifícios escola do monte (da Tenreira) e outro no lugar de Cousso, muito próximo desta freguesia e outro no lugar da Celasina um monumento concelhio — C.

GENTE E COISAS

DE

«O MEU FICHEIRO»

MONOGRAFIAS

O CASTELO DE LABOREIRO — 2

Ora o conde, general e fronteiro destes limites, D. Hermenegildo Mendes, filho do também conde D. Gastão e de sua mulher, a condessa D. Egilona, e já casado com a condessa D. Hermezenda Arias, Senhora da vila de Puerto Marín, no bispado de Lugo, da Casa e família dos Arias de Sirgal, descendentes do católico rei Suevo D. Arias Miro, si vera est fama, aproveitou o local e os restos da velha fortaleza e levantou ali um castelo medieval, um verdadeiro ninho de águias.

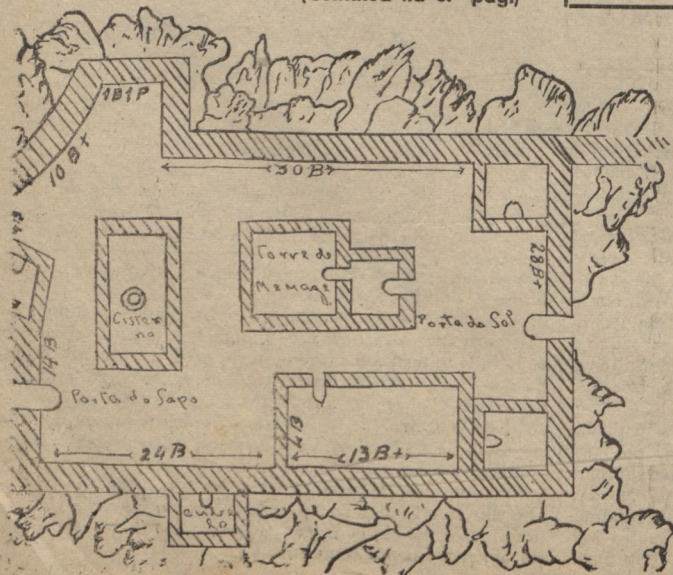
Falecido este Conde Hermenegildo, herdou sua Casa e todos os seus cargos seu filho primogénito D. Gutierrez Arias Mendes, que, pardessus le marché, foi ainda nomeado conde de Celanova, e foi o braço direito de seu pai, pois quando este ia para o Paço, onde era mordomo, vinha, agulê para a fronteira e vice-versa; de modo que se Afonso III foi cognominado o Magno pelos seus muitos e grandes feitos, pai e filho muito contribuíram para isso.

Casou este conde D. Gutierrez com a condessa D. Aldara — senhora venerada e tida por santa pelas suas muitas virtudes — de cujo casamento nasceu, no paço condal de Salas, couto de Santo Tirso, em 26-11-907, S. Rosendo, que senho-requ o referido Castelo de Laboreiro; teria fundado a primitiva igreja desta localidade; foi bispo de Dume; fundou, em 935, o mosteiro beneditino de Celanova e nele faleceu em 1-3-977, depois de o ter abadado vinte anos.

D. Afonso Henriques, em 1140, depois da memorável batalha ferida em Valdevez com seu primô Afonso VII de Leão, conquistou-o pessoalmente — não aos Moiros como corre escrito em letra de forma e em várias fontes, mas aos galegos que capitaneados pelo alcaide de Alhariz, conde D. Fernando Joanes, o haviam tomado pouco antes — entregando-o seguidamente a seu cunhado D. Sancho Nunes de Barbosa, bisneto daquele conde Hermenegildo Mendes, que o restaurou e cercou de muralhas, cujos últimos silhares são os que chegaram até nós. Não dos trabalhos de restauro e fortificação, mas desta tomada sabe-se hoje por o nosso primeiro Rei a ela se ter referido na carta de couto outorgada ao Mosteiro de Paderne em 16-4-1141, na qual diz que fazia a mercê ao referido Mosteiro pelo bom serviço que lhe prestara a sua abadessa D. Elvira Sarracine, quando ele estava tomando o Castelo de Laboreiro, mandando-lhe certo socorro que agora não interessa apurar.

O local por si mesmo constitui uma fortaleza natural, que a longe nos parece obra original, coroada por caprichosa cantaria, não se vendo, à primeira vista, por onde e como subir até aquele histórico monumento que outrora se

(Continua na 3.ª pág.)



Noticias católicas

(Continuação da 1.ª página)

gem (a Senhora está no Céu) o colar de General, pois tinha sido antes nomeada General Supremo do Exército Argentino.

RIO DE JANEIRO — A imprensa deu grande relevo ao gesto do Ex.mo Presidente do Conselho, Dr. Tancredo Neves que foi ao Ceará propositadamente, para assistir às cerimónias do jubileu sacerdotal do Arcebispo de Fortaleza. Foi S. Ex.cia quem Lhe ajudara à primeira missa e ali estava para novamente beijar as suas mãos ungdas de Bispo.

ROMA — Chegou aqui mais outro teólogo protestante, para nesta cidade se trabalhar em conjunto, nas bases da união das Igrejas. «Que todos sejam um», pedida Jesus a Seu Pai.

LISBOA — No dia 24 fizeram a sua desobriga Pascal, confessando-se e comungando 400 alunos dos Pupilos do Exército.

MADRID — A Igreja tem nesta nação 5.228 escolas gratuitas subvencionadas e 3.142 não subvencionadas. E tem mais de quatrocentos mil alunos gratuitos. Salas de cinema, 1001, algumas delas com mais 1.500 cadeiras.

CARCASSONA — O Bispo desta diocese celebrou a santa missa aos fiéis e pediu que o produto da colecta desse dia fosse destinada aos pobres do Alto-Volta. Resultado: 10.000.000 de francos. Há tantas coisas que se podiam resolver, se todos quiséssemos...

Falam os rapazes de Melgaço!

(Continuação da 1.ª pág.)

mais próspero, embora seja lícito e oportuno salientar que se torna necessário banir certos inconvenientes, por forma a manter-se a confiança na Justiça.

Temos, assim, arredado o famigerado princípio da negritude, interessando-nos antes o alargamento da fraternidade e o progresso económico sem distinção de raça ou de cor.

O mesmo é dizer que ao contrário do que se tem verificado em certos países africanos, o preto nativo das nossas províncias ultramarinas jamais pensou lutar contra o branco, para se "libertar" dele, a fim de architectar e reunir a "sua" cultura africana e renunciar à cultura europeia que lhe sobremos levar e ensinar.

Não há, portanto, entre os portugueses espalhados pelo Mundo Português o ódio, esse ódio com que se conseguiu envenenar todos os países africanos, em relação aos europeus de que estão ou estavam dependentes.

E nesse campo, como em qualquer outro, a nossa política ultramarina tem sido no mundo um caso à parte, e talvez por isso objecto de séria estranheza, para aqueles que abandonaram, simplesmente, o seu património de África e o seu próprio povo.

Mas embora a fraternidade e comunhão de ideais sem par de que os brancos e pretos disfrutam seja importantíssimo por um lado e represente por outro o prémio da nossa demorada experiência colonizadora, não podemos, no clima enevoado em que estamos a viver, desprezar o controle dos movimentos talhados pela sede de emancipação que se processam por diferentes modalidades desde o após-guerra, em toda a África, em consequência da já referida teoria da negritude, esplanada no Orphee Noir pelo seu autor, Sartre, de princípios comunistas.

Perder agora de vista esses movimentos, que se têm gerado no exterior, seria comprometer uma vez mais a segurança da nossa paz interna. Seria, como os nossos inimigos desgraçadamente pretendem, sofrer as consequências e dar-lhe ainda elementos para depois nos acusarem de novo de que a nossa presença no continente africano representa um perigo para a segurança da paz internacional!

E por isso, só por isso, que a élite das nossas Forças Armadas está no Ultramar. E se é certo que sente nos seus corações as naturais saudades de suas Famílias, não é menos positivo sentirem-se altivas por terem a oportunidade de defender a Pátria.

Na verdade, das muitas Organizações espalhadas por toda África que se propuzeram "libertar" os "seus" povos, podemos invocar a título de exemplo aquelas que, com base na livre interpretação da Bíblia, que é, segundo elas, o princípio de livre exame, se têm criado numerosas igrejas nas quais um preto que na região goza de melhor prestígio contra o europeu se intitula o Messias, ou seja o novo Cristo que há-de expulsar do continente africano todos os brancos!

Com a tabuleta dessa falsa doutrina tem-se procurado conquistar a atenção e o interesse dos nativos para os lançar na primeira oportunidade em luta contra o branco. E dessa luta não somos, nós, católicos voluntários, os responsáveis.

Mesmo assim não têm ainda os portugueses que temer os efeitos da propaganda tendenciosa que nos é movida, pois estamos certos que esse clima de hostilidade há-de terminar logo que caia a má fé dos nossos inimigos, já que a razão, estamos certos, assiste-nos.

Os Portugueses seguros dos seus direitos e dos seus deveres não consentem na troca de soberania forçada, pois a sua experiência permite-lhe avaliar com profundidade a inexistência de uns e a notória má fé de outros.

A nossa linha de rumo está firmemente traçada pelo Governo da Nação e nós, Portugueses, demos a ela apoio unânime.

Por isso, esperamos; mas esperamos de cabeça bem levantada, até que as potências ocidentais se dignem esquecer os seus erros lamentáveis e as lembranças tristes que as levou a aceitar com humildade as acusações a que não souberam reagir, para impedir atempadamente, com amor e firmeza, os trágicos acontecimentos que enlutam o mundo e, de modo muito especial, os pobres africanos que, iludidos e enganados, trocaram simplesmente a sua Mãe Pátria, para se instalarem na guerra, na desgraça.

Mas nós continuamos. E o nosso escândalo perante o mundo será o de mantermos conscientemente a Paz, fomentar o Progresso e aguardar que a desonestidade intelectual repare as suas atitudes nocivas de modo a projectar-se a verdade, sem enredos falsos e doentios. Projectar a verdade, sim, da nossa obra e da pureza incontestável das nossas intenções.

Lisboa — Março — 1962.

Anselmo Fernandes

Planta  
rasa  
do  
Castelo

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTÔNIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 20\$00  
Assinatura Anual para o Estrangeiro: 50\$00

ANO — XVI — N.º 255

Melgaço, 15 de Abril de 1962

## Falam os rapazes de Melgaço!

### Aspectos locais e problemas da Lavoura

A boa vontade das entidades que estão à frente dos destinos de Melgaço **não chega** para resolver, a contento de todos, certos problemas que dependem necessariamente do estudo e do carinho das instâncias superiores ou da **imprescindível** ajuda moral e financeira de particulares e Estado.

Não é pecado reafirmar que Melgaço tem progredido — e muito — nestes últimos tempos. Mas torna-se necessário criar uma **firme e leal** comunhão de esforços, por forma a contribuir para elevar o nível de vida do trabalhador do campo, aproveitando ou instituindo qualquer indústria mais ou menos florescente, de modo a permitir ao agricultor um **contributo** imprescindível para poder custear as suas despesas quotidianas e comprar o que a terra não produz.

As terras, por exemplo, podiam fazer de Melgaço um concelho maior e melhor. Mas o certo é que não encontramos nelas meios idóneos capazes de as fazer crescer e rejuvenescer. Parece-nos, até, que a empresa concessionária está a prestar um péssimo serviço a Melgaço.

O turismo, que bastantes benefícios podia trazer ao concelho e portanto à sua população, é praticamente nulo. E a enfermidade de tal nulidade emerge em grande parte do abandono egoísta a que foram votados, durante muito tempo, a maioria dos problemas de interesse geral para o concelho.

Surge-nos agora a esperança da criação dalgumas condições para receber e alojar os forasteiros — graças a muitos e variadíssimos esforços. Mas é preciso mais, muito mais, por forma a **desabituar** os visitantes do desgraçado hábito que os leva a admitir que Portugal só começa em Monção!

De resto, estamos absolutamente certos que o bom e generoso Povo de Melgaço **não pode** viver exclusivamente dos rendimentos da lavoura. E o cerne desta afirmação **desabituada** reside em grande parte na forma antiquada como vem sendo processada a exploração das propriedades.

Identificam-se graves deficiências, mercê do desconhecimento de métodos modernos a ministrar aos agricultores, por entidades honestas, desinteressadas, capazes, especializadas.

Dai resulta o **fracasso** produtivo que, por sua vez, afecta o nível de vida do trabalhador o até dos próprios proprietários.

Idênticas razões operam nos casos em que as propriedades são exploradas com a intervenção de rendeiros-caseiros. Estes, no fim de cada ano, fazem o inventário de todos os sacrificios vividos, e chegam depois à pungente conclusão, de que a produção correspondente a cada elemento que constitui o seu agrado familiar, se cifra, na melhor das hipóteses, no modesto salário diário de 3\$50. Nesta verba estão incluídos, por estimativa **ponderada**, todos os lucros que emergem do actual amanhã e cultivo das propriedades.

Tamanho insucesso, porém, deve debitar-se, como ficou dito, à notória falta de assistência técnica e financeira, bem como a ausência de um **cérebro** que juntamente com os interessados, **estude e discipline** o panorama agrícola, com a aplicação de normas eficientes, de modo a contribuir para a mais lucrativa e

(Continua na 3.ª pág.)

## Grémio da Lavoura

Recebemos o Relatório, Balanços e Contas do Grémio da Lavoura, da Gerência de 1961.

## Carta de França

Seine, France 25-3-1962

Numa obra em Versalhes Seine, onde trabalhava, faleceu de desastre o nosso amigo Pereira Dias, da Beira Alta, facto que causou grande desgosto para nós portugueses. O seu funeral foi muito concorrido. A sua mulher e filhos os nossos mais profundos pêsames.

Regressaram de Portugal, onde passaram alguns dias de repouso, junto das suas famílias, os nossos amigos Manuel Ramalhosa e filho, e José Mateus, todos da Gavião, Arcos.

Depois de ter passado um longo sofrimento, devido a grande e grave doença, encontra-se completamente tratado e já trabalha o nosso Amigo Manuel Joaquim Oliveira, de Alcobaça.

Caros amigos por hoje não digo mais nada. Vou-me deitar, porque está muito frio e gela.

H. R.

## Subscrição a favor de João Penúrias

Transporte, 8.602\$00.

José Douteiro — S. Gregório, 50\$00; Um anónimo — Porto, 20\$00; Alípio Gonçalves — Lisboa, 200\$; Manuel J. Rodrigues, 20\$00; Ezequiel Vale, 20\$00; Ilídio E. Cordeiro — Penso, 50\$; José Lobo Maia, 100\$00; Miguel Esteves Caldas, 20\$; Soma: 480\$00. Total 9.082\$. Melgaço, 9 de Abril de 1962  
Henrique Alberto Gomes

## BEM HAJAM, RAPAZES!

Ainda nem todos se convenceram da hora grave, gravíssima, que a Nação está a viver. Uns, por triste imunização ao sentimento patrio, afora os únicos que possuem estruturados na vaidade, no exibicionismo barato, petulante e de feira. Esses, são daqueles que se candidatam a uma «quinta coluna», se já dela não fazem parte, não vão às vezes as coisas, e numa hora dos diabos, tomarem outro rumo. Outros, por já definitivamente alistados na força do mal, da destruição e do ateísmo.

Uns e outros, não é preciso abate-los, mas tão somente tomar aquela posição que urge, para os que podem atacar, matando, e pelas costas.

Melgaço, também deve ter dessa gente. Pouca? Muita? Não vem ao caso.

Contrabalança-a, amordaçando-a, o grupo duns quarenta rapazes que, seus filhos, nas Províncias do Ultramar, se mantêm vigilantes, atentos, armas apereadas, prontos à defesa sagrada do nosso património secular. Foi por isso que tomamos a posição de franco-atirador perante os covardes que, fazendo vida normal nessas terras, delas fugiram para a Metrópole, nas horas altas do perigo, enquanto eles partiam, ao encontro dessas mesmas horas.

Os moços, compreenderam a atitude dum antigo camarada que, porque teve a honra de ser soldado, não admite que os que o não foram, excepto por motivos plenamente justificáveis, procurem hoje, amanhã e sempre, ocupar posições que por direito não lhes pertencem. E que direito é esse? E' o que vem de não voltar a face ao perigo, em nome da Pátria. Servindo-a, na altura própria, vinculando-se a Ela e até, devotadamente, na própria Milícia. Onde nada mais se vai buscar, que não seja a honra de Servir.

Teem-nos escrito, agradecendo as palavras que para aqui se escrevem. Mas quais? Acaso não somos todos portugueses? Pois rara é a semana, não há mesmo nenhuma em que os Soldados de Melgaço e doutras terras, não venham junto a nós, com palavras de gratidão e amizade. Plenos de moral e amor patrio, contam das suas horas de alegria, dos momentos de vigília, da dedicação aos seus «Senhoras Oficiais», das horas duras de trabalho. Pois nada nos devem, porque nada temos feito, que não seja dever.

Melgaço, como tantas outras terras, deve ter orgulho nestes moços! Sinceramente o dizemos, que não acreditávamos tanto neles. Porquê? Porque duma terra pobre, com falta de muita coisa, até nas garras, aqui e além, de açambarcadoras e usurários sem escrúpulos, que também os há por toda a parte, no momento difícil, sem um agravo ou um queixume, transformaram-se em verdadeiros, magníficos Soldados.

(Continua na 3.ª página)

## «A Voz de Melgaço»

deseja a todos os seus colaboradores, anunciantes, assinantes e leitores  
Feliz Páscoa.

## Por Chaviães, 25

A PROPÓSITO DA REUNIAO DO PRETERITO DIA 16 NA CÂMARA MUNICIPAL — Em primeiro lugar venho em nome de todos os herdeiros da água de Rainhadouro agradecer ao Sr. Presidente da Câmara a maneira muito gentil como fomos recebidos por Sua Ex. Agradecemos também o ter-nos posto ao corrente do que se passa entre nós e os nossos amigos de Paço relativo à nascente da Chão de Cótaro que estes querem para abastecimento daquele lugar.

Ora os habitantes daquele lugar todos ou em parte há muitos anos que nos vêm uma grande perseguição junto à referida nascente, pois esta fica a 9 ou 10 metros de distância e superior à referida presa, ora devasando esta, ora atirando para ela com enormes pedregalhos a tal ponto de a nossa água de rega não poder passar. Estes nossos amigos com este mau proceder provam mais que suficiente que não tem direito à referida nascente, porque quem exerce um direito vai de dia e a toda a hora e à vista de toda a gente — além de tudo isto nunca a levaram. Esta nascente alegam eles que é para abastecimento dos moradores daquele lugar (consumo) porque estão mal abastecidos de água para os fins acima referidos. Mas a habilidade é outra; a colher desta e para fins de rega pois um lugar de tão poucos habitantes não precisa de um caudal tão grande de água e sendo assim a nossa freguesia é das mais escassas em água tanto para

(Continua na 4.ª página)

## Rouças, 10

—No passado dia 8, e no Sameiro, uniram-se em casamento o sr. Carlos Alberto de Castro, e Cavaleiros, com a menina enfermeira, Eugénia Martins, da freguesia de Estela, Póvoa de Varzim.

Muitas felicidades.

—Vindo de França, chegou a esta freguesia o sr. Manuel Marques, do Sobral de

## Prado, 10

## UMA CARTA...

Do sr. Martins Lourenço, chefe aposentado da P.S.P. e agora funcionário dos Serviços de Contabilidade da conhecida "Agência Abreu", do Porto, acabo de receber uma carta, onde aquele meu velho Amigo, no seu singelo e elegante estilo me relata um passeio através das Beiras, o que, como sempre, fá-lo com tanta delicadeza e finura de observação, que não resisto de pedir vénia e dela extrair este bocadinho de ouro:

"Gostei imenso das Beiras, pelo menos da Beira Alta que não conhecia. Fomos até Águeda e, daqui viramos caras ao Caramulo, essa serra cheia de grandezas e encantadores horizontes. Como saímos do Porto no sábado, 11, pelas 14 horas, conseguimos chegar ao Caramulo ao fim da tarde e visitar ainda os numerosos Sanatórios. Começamos então a descer o Caramulo para a outra banda e não calcula como a encosta era engraçada, com os muitos laranjais carregadinhos de fruto a embelezar a ondulação das quebradas. Em Mangualde anoiteceu-nos e chegamos a Viseu já de noite alta, eram 9 horas. Jantamos e dormimos em Viseu e, já se vê, aproveitamos o pouco tempo para percorrer a cidade de que gostei imenso, achando-a das mais modernas e lindas cidades de província. Encontrei lá velhos amigos, ainda ao serviço da P.S.P., que facilmente me reconheceram ao cruzar-me com eles nas ruas.

No domingo de manhã, pelas 7 horas, partimos, debaixo dum nevoeiro cerrado, a caminho da Serra da Estrela. A medida que subíamos a serra, o nevoeiro foi-se dissipando, como que a dizer-nos "já que viste, admira estas belezas da Beira Alta". Passamos em Gouveia, linda terra num vale encantador, e fomos subindo a Estrela até chegar à "Cabeça da Velha". Ali fazia um frio de cortar as orelhas e a plaça junto daquele símbolo da Natureza, assinalava 1280 metros de altitude.

A vista perdia-se num vale de verdadeiro encanto, cheio de povoações, ficando Gouveia lá muito ao longe. Continuando a subir a Estrela até às célebres "Penhas Douradas" espécie de vila isolada no cume da serra, com bolas cascas de gente que só ali passa a época de turismo. Mais abaixo, já na descida para Covilhã, vemos a linda pousada de "S. Lourenço". Infelizmente, o nevoeiro voltou a apouquentar-nos quase até Manteigas, onde tomamos o nosso pequeno almoço num modesto café local. Seguimos daqui para a Covilhã, onde chegamos pelas 13 horas e fomos almoçar. A cidade tem boas construções e dá-nos a impressão duma cascata dependurada na encosta. Acabamos de almoçar e, apesar da chuva, fomos assistir ao jogo Porto-Covilhã. Encontrei ali dois subchefes, que serviram comigo no Porto, e logo amavelmente me levaram para a Bancada, onde assisti ao desafio, abrigado do mau tempo.

De vez em quando, ao fundo da Serra, abraçando o vale num arco de surpreendente efeito, formava-se o "Arco-Iris" de encantadoras cores. Abria-se o tempo deixando passar umas réstegas de sol que embelezava o ambiente local. Eram 18 horas, partimos a caminho da Guarda e daqui novamente para Viseu, onde jantamos e onde retomamos a estrada a caminho do Porto, cuja chegada se verificou pelas 3 horas da manhã".

Não se pode dizer mais nem melhor com palavras tão singelas e aliciantes do que com as que acabamos de ler. É quase como se nós tivéssemos feito o descrito passeio...

## OUTRA CARTA

De Ajaccio, ilha de Córsega e terra de Napoleão Bona-

Baixo. O nosso abraço de mingos e com bastante concorrência de fiéis, as procissões ao Calvário. Na igreja de sra. Laura Alves.

—Tem-se feito aos do- —Começaram as lavradas.

## VENDE-SE

Grande Propriedade denominada "Casa do Outeiral", composta de casa de morada, com muitas divisões, rés-do-chão e 1.º andar, adega com todas as pertenças e lagar, campos de lavradio com água de rega, vinha e coutadas com madeira, na freguesia de Valadares.

Falar com Joaquim Páris  
Casa Dantas & Páris — MONÇÃO

parte, escreve-me o nosso estimado amigo e assinante sr. Adelino Domingues, em cuja carta se lê:

"Meu bom amigo, queria dever-lhe um favor, aliás um grande favor. Desejava que por intermédio do n.º simpático jornal, "A Voz de Melgaço", chamasse a atenção de quem de direito para tomar providências e assim pôr cobro à desenfreada vaga de latrocínio que se vem verificando na correspondência que daqui é expedida para Portugal. Ainda que eu não tenha muita razão de queixa, pois só duas cartas minhas não chegaram ao seu destino, o mesmo já não poderão dizer muitos colegas meus, que mais ou menos se queixam, e a bem os "tubarones" já lhe torpedearam nada menos de catorze cartas. Ora como só neste estaleiro somos uns 40 portugueses... já o meu amigo podé calcular o desaforo e pouca vergonha que por aqui vai!...

É triste e lamentável que tal aconteça e é, sem dúvida, um acto que temos de classificar de puro banditismo e cobardia, praticado por pessoa, ou pessoas, da mais baixa extração moral e que tem a consciência metida nas palmilhas das botas — pessoas que nunca saíram da sua terra, e que por isso nunca souberam como nós o que doem as saudades dos nossos entes queridos, para quem meia dúzia de linhas traçadas pelos seus queridos ausentes, quase sempre, valem tanto como o seu saudoso e apetecido abraço.

Veja, pois, o amigo Mário, se pode mandar estas linhas para a Redacção, pois parece-me que o reparo é justo e oportuno, e assim nos prestaria a todos que por aqui andamos a mourear — para tornarmos as nossas terras maiores — um excelente serviço".

N. do C. — Está satisfeito o pedido, que não só acho "justo e oportuno" como também humano. Como comentário, direi apenas que essas proezas tem origem no "cheiro" a francos que os emigrantes costumam mandar em suas cartas; daí a violação das mesmas que — quer tenham quer não tenham "algo" — são sempre lançadas pela borda fora, e que havemos de convir é um acto de banditismo, só próprio de Balubas e quejandos que não de pessoas civilizadas.

\*\*\*

Foi ontem aqui a enterrar a menina Ana Maria Gonçalves, de 6 anos, chorada filhinha do nosso amigo Armindo Brás Gonçalves e de sua consorte sra. Emília de Caldas Salgado, do Arrochal, vítima de queimaduras que sofreu quando imprudentemente deixava petróleo no fogo. Ainda foi levada para um dos hospitais do Porto, mas Deus não quis fazer o milagre, e a medicina foi impotente para a salvar.

Sinto e muito.

—Acaba de chegar à sua casa da Fichoa a bondosa sra. D. Amélia Lourenço, de quem já tínhamos saudades. Muito boas-vindas.

—E, por ter terminado o seu tirocinio, acaba de ser promovido ao posto de Sargento-Artífice da Armada, o nosso estimado amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa Júnior, que desde que em Abril de 1955, ingressou na Escola de Mecânicos, com a idade de 15 anos, tem sido sempre o n.º 1 dos respectivos cursos.

O meu abraço de parabéns — abraço que torno extensivo a seu honrado Pai, o meu muito amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa, digno cabo da Armada. — (C).

## Pinto de Magalhães, L.da

## BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas

LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouviaer, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

## Pinto de Magalhães, L. da

## BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

# Falam os rapazes de Melgaço!

(Continuação da 1.ª pag.)

menos onerosa exploração, incluindo do mesmo passo a divulgação e o aproveitamento de novas fontes de receita que hoje, talvez por ignorância técnica, não são entre nós exploradas.

As razões esplanadas acrescem outras, que nem por isso são menos graves.

O esteiro campesino destas modestas aldeias do Alto Minho: sim, esse homem anónimo que alimentade tantas vezes com um inaco de pão de milho e umas tijelas de caldo mal adubado, labuta de dia e de noite, sem qualquer horário, sujeito à rudeza do sol e da chuva, sempre sem uma ténue esperança de uma reforma que bem merece, e sem o mínimo de verba para assistência médica gratuita que se impõe, deixa germinar nela, à medida que os dias fogem para os bem instalados na vida, o pesadelo monstruoso da invalidez, da velhice, da doença.

Estas sérias realidades só servem para amedrontarem naturalmente o trabalhador rural, que, em consciência, pouco mais tem representado na sociedade do que uma vulgar máquina de trabalho. E que acotido e ferido pela ausência de regalias de que os outros trabalhadores mais ou menos disfrutam, magoa-o igualmente a circunstância da sua pobreza não lhe permitir aproveitar a inteligência dos seus filhos para, no alto cumprimento de um dever incontestável, os colocar na órbita da Vida e do Progresso, em benefício do Bem Comum.

E até quando?

Esperemos com serenidade que a resposta não venha longe. Para desgosto bem nos basta recordar que os nossos irmãos velhos e novos, fogem para o estrangeiro, onde encontram trabalho com estabilidade, por vezes na própria lavoura, o que seria muito mais agradável se, em igual nível de circunstâncias, o fizessem em Portugal, que é tamanho, e é de todos.

Entretanto, bem haja a França, e Deus cubra de venturas todos quantos directa ou indirectamente se têm interessado pela situação dos nossos Homens que, apavorados por terem vivido tudo quanto aqui fica dito, demandaram aquele País, e nele colhem o fruto do seu trabalho honesto que usam depois em Portugal para, no seio mesmo de suas Famílias, cimentarem e edificarem, pelo menos, os caboucos de uma vida mais solutar.

Lisboa/Março/1962.

Anselmo Fernandes

# Gente e Coisas do "Meu Ficheiro"

(Continuação da 4.ª página)

nheiro porque... já naquele tempo este tinha mais poder do que a pólvora.

Chegada, pois, a hôte portuguesa ao local da pugna, tratou logo de estabelecer o cerco, e... alguns dias depois, após larga conferência entre Ricarte e o tal emissário do Conde de S. João, perante o pasmo dos defensores, os portugueses, de noite e muito sorrateiramente, entravam por uma das portas do castelo que ficara encostada. O valoroso capitão Pedro Esteves Ricarte vendera a praça e os seus defensores, que na sua maioria foram apunhalados.

Diz-se que este capitão Ricarte, depois da venda do castelo, atormentado pelo remorso, vagueou erradamente por aqueles montes, até ao dia em que foi encontrado o seu cadáver estatelado no fundo dum despenhadeiro. Se foi assim ou não, não sei; porém o que lhes posso dizer é que ainda hoje em Entrimo e suas imediações, segundo o testemunho do meu idóneo amigo D. Bento A. da Rocha, natural daquela localidade, para classificar qualquer indivíduo "má-rés" é frequente dizer-se:

— Baya, és un Ricarte!

\* \* \*

A defesa deste castelo auxiliavam os povos de Riba de Mouro, assim como os mesmos a ele se acolhiam quando se viam em apuros.

Foi seu último governador militar Manuel Machado de Araújo, da Casa da Amiosa, em Valadares, e em 1801, segundo nos informa o dr. Luís de Figueiredo da Guerra, in Os Castelos do Distrito de Viana, pág. 7, ainda o mesmo foi guarnecido com tropas, quatro peças, etc..

Finis laus Deo!

MARIO

# Sociedade Aniversários

**FAZEM ANOS:** — Amãnhã o sr. José Albano Lourenço; no dia 17 a sra. D. Antónia da Ascensão Moraes Azevedo e as meninas Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e Maria do Rosário das Santas Lima Pereira; no dia 18 as sras. D. Maria Eduarda das Neves Pinheiro Caralhões, D. Carolina Gomes de Sousa e D. Maria Júlia Trancoso Bermudes, a menina Maria Armanda Vaz Alves e os srs. António de Sousa Lobato (Regedor de Remoães) e Herculano Augusto Gonçalves Pereira; no dia 19 a sra. D. Maria Amélia da Cunha Ozório e o menino Manuel Henrique Rodrigues Vieites; no dia 20 a sra. prof.ª D. Maria Fernanda Santos do Vale e os srs. Floriano Luís Rodrigues e Dr. João de Barros Durães; no dia 21 o sr. Carlos Francisco Ribeiro Lima; no dia 22 o sr. Armando da Romureição Rodrigues; no dia 25 os srs. Constantino Gonçalves da Silva e Ricardo de Jesus Rebelo e as meninas Fernanda Vaz e Maria de Fátima Rodrigues; no dia 26 as sras. D. Elvira da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro, D. Etelvina Nazaré Pereira Rodrigues, D. Maria Armanda da Cunha Esteve Marinho e D. Maria Celina Las Casas Neto Marques e os srs. Pe. António Augusto da Silva Barros, prof. António da Ascensão Afonso e Frederico Augusto Esteves; no dia 27 a menina Irene de Fátima de Sousa e Castro; no dia 28 as sras. D. Alzira Augusta Colmeiro Pato, D. Maria Cristina Pita Barros de Almeida e D. Maria Hignina de Megalhães Fernandes Pinto e os srs. José Maria Pereira e Pe. Manuel José Rodrigues; no dia 29 a sra. D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro e no dia 30 a sra. prof.ª D. Maria da Paz de Figueiredo e D. Flávia Maria Gregório e os srs. Cónego António Luís Vaz, Artur Passos Teixeira e Francisco Augusto Igrejas Júnior.

## ARMANDO DE ARAÚJO

— Após três meses e mais de estadia em nosso convívio, regressou a Paris o nosso estimado amigo sr. Armando Urbano de Araújo, que já não viamos há mais nove anos. Saúde e sorte, e que desta vez a sua sempre desejada visita se não faça demorar muito aos nossos anseios.

# Notícias católicas

**Varsóvia** — Em nome do Parlamento polonês, Czeslaw Wicech, entregou ao Cardeal Wiszinsky, uma carta, em que se afirmava não ser atendido o pedido dos Bispos daquele país, para que se fizesse um inquérito parlamentar às violações da liberdade religiosa. — Não lhes convém, e pronto!

**Praga** — «Tvorba», semanário comunista, insurgiu-se contra a maneira como os órgãos do partido atacam a ideia religiosa. Segundo ele, a propaganda religiosa é subtil e o comunismo ataca ideias que já ninguém defende. Quer dizer: — mais outro a confessar-se impotente, perante a ideia religiosa.

**Washington** — O diário «New York Times» anunciou que a Igreja católica daquele país fez uma campanha nacional, para desencorajamento dos elementos anticomunistas, **extremistas**. Estes meios são acusados de crear «uma virulenta forma de desunião que enfraquece perigosamente a nação».

— Convertiu-se ao catolicismo um dos principais dirigentes do partido comunista norte-americano John Lautner, que aurante 29 anos foi militante nas hostes marxistas.

**Vaticano** — Causou aqui má impressão a atitude dos guardas que acompanhavam a primeira dama norte-americana Jacqueline Kennedy, na sua visita ao Papa. Ao atravessarem salas e corredores, a caminho da audiência papal, mais parecia que estavam no Palácio de Fidel de Castro, em Cuba, como se houvesse por ali qualquer ataque ou surpresa desagradável.

Esta pobre América... Não entende Portugal, não entende o Vaticano, não entende a Europa e está a conduzir o ocidente, para desgraça nossa. Até quando?

**Paris** — Tem sido muito comentado o auxílio que várias nações, como o Canadá, França, Austria, Holanda e Bélgica levam aos países subdesenvolvidos, para matar a fome a milhões de estômagos famintos. Trata-se, nem mais nem menos de fazer das penitências da quaresma alguma coisa mais de positivo: — «a operação-quaresma», levando auxílio em gêneros e dinheiro a milhões de famintos. Sua Eminência o Cardeal Leger dizia, há pouco: — morrem todos os anos, sessenta milhões de famintos. Ouviram bem? — Sessenta milhões. Mas o mundo parece que teve mais pena da cadela russa que viajou na estratofera...

**Fátima** — A organização nacional da Liga Eucarística dos Homens, que conta no nosso país o elevado número de cem mil militantes, virá aqui em peregrinação e também ao santuário de Cristo-Rei, em Lisboa, a pedir a Deus as bênçãos sobre a nossa Pátria, nesta hora tão centurbada. Um povo que reza como Deus quer, não morre.

# Bem hajam, rapazes!

(Continuação da 1.ª página)

Tiveram até a virtude de nos desviarem de campanhas pró-escolas, casa dos magistrados e outras. Mas descansem os incrédulos que, voltada a paz, vamos a dizer a estes Reinos, voltaremos à posição de sempre, se Deus nos der vida e saúde... Porque os grandes, não daram o seu pequeno sacrifício, se o é, quando os filhos da sua mesma terra, na maioria sem nome, anónimos, por ela se aprestam ao maior dos sacrifícios?!... E para que eles vivam, e nós vivámos! Cuidado!... Tivemos um dia uma frase, em palestra ou colóquio como agora se diz, que mantemos mais firme do que então, e que provocou certa efervescência: — «Perigos, de origem comunista? São vários. Mas há um grande, que está nos ricos»...

Adeante. Os nossos rapazes, pedem-me para um dia me agradecerem. Mas o quê?... Se nós só temos pena, muita pena de a idade já não permitir que ocupassemos o lugar que por igual direito nos pertence. Aonde? Ao vosso lado, amigo! Ai, onde se sente como é grande o nome de Portugal! Em cada centigente que vai e assistimos ao «bota-fora», vão-se os olhos nele... «Raio de idade!»...

Abel Varela Seixas

**N. N. — Algueres, Angola:** — Pois sim. Aqui vai a minha direcção, pois, «nem todos se encontrando os outros também podem querer escrever-lhes» — Abel Varela Seixas, R. Actriz Virgínia, 18-2.º-D. — Lisboa l.

GENTE E COISAS  
DE  
"O MEU FICHEIRO"

MONOGRAFIAS

O CASTELO DE LABOREIRO — 3

Este castelo, apesar do local quase inacessível em que está alcaforçado, não era invulnerável nem inexpugnável, pois como tudo neste mundo tinha o seu calcanhar de Aquiles. Ele foi tomado várias vezes e de algumas há memória, como a de 1166 pelo Conde D. Vasco, ou Velasco, e a de 1212 em que o mesmo foi tomado pela hoste de D. Pedro Fernandes de Castro, o da Guerra, primo e capitão-general de Afonso IX de Castela que o deixou muito arruinado, pelo que teve de ser reconstruído no tempo de D. Afonso III, mas se o não foi no tempo deste rei, foi-o de certeza certa em 1290, reinando em Portugal D. Diniz e alcaidando o mesmo castelo Paio Rodrigues de Araújo, ex-Senhor de Lovios, Araújo, etc., na Galiza. Deve também ter recebido reforço de segurança no tempo dos reis D. Fernando, D. João I e possivelmente, no de D. João II.

Quando, em 1527, Alvaro Vaz procedeu ao arrolamento da população de Castro Laboreiro, no respectivo rol deixou escrito:

"Item este concelho de Castro Laboreiro, he dell Rey nosso Senhor e o Duque tem a menagem delle e tem hum castelo sobre hua fragua ermo povoado de gralhas e..."

De facto os Duques de Bragança tinham a menagem do Castelo de Laboreiro, pelo que os alcaides mores de Melgaço, principalmente os da dinastia dos Castros de Fornelos, acumulavam os respectivos cargos.

Em 1520, sendo alcaide mor Pero de Castro, já começava a arruinar-se e na primeira metade do século XVII o seu estado seria muito precário, pois dele escreveu o orensano D. Benito Alonso, in *Guerra Hispano Lusitana* o seguinte:

"Eu Castro los portugueses, utilizando las roinas do que antes era castillo de San Rosendo de Celanova, levantaron una fortaleza de que echaron mano para aquartelar sus tropas y desde alli espaiarecense desaforados, talando miezes en los sembrados y devastando casas y cuanta hacienda los pobres lugareños en las vertientes de la montaña poseian" (Obra citada, pág. 20).

Mas estivesse ele arruinado ou não, em 1644, a quando da Guerra da Restauração, o seu valoroso governador, capitão Pedro de Faria — o tal que em 1653 teve presos neste castelo o alcaide e o abade de Lovios — apenas com 25 soldados pagos e 200 paisanos, fez frente à hoste do Marquez de Távora, cujo efectivo era de 4000 peões (acho algarismos a mais; val, porém, por conta do Conde da Ericeira...) e 200 cavaleiros, a qual teve de bater em retirada, sofrendo muitas baixas. Já em 1688 o capitão D. Baltazar de Rojas y Pantoja foi mais afortunado.

Este querendo surpreender o Exército português, que se estava concentrando em Valença, com um golpe de teatro, pela retaguarda, contornou a raia, atacou a Vila de Castro, que incendiou, e seguidamente carregou sobre o castelo que resistiu heroica e denodadamente à fúria do atacante, mas, perante a superioridade do número, teve de capitular. Foi isto, salvo erro quanto ao dia, em 25 de Junho de 1663, dois anos depois acabava esta longa guerra...

Entrou, pois, o inimigo na praça apoderando-se de todo o material bélico nela existente e aprisionando toda a guarnição, que sob prisão foi levada para Celanova, para onde Pantoja foi também, a fim de tratar-se duma perna que fracturou e doutras mazelas que lhe advieram durante o assedio. Quanto à tal surpresa que os espanhóis contavam ir fazer a Valença... com semelhante contratempo... ficou em águas de bacalhau.

Ora como o nosso D. Baltazar de Rojas y Pantoja, para tratar da gâmbia e de suas outras mazelas, era obrigado a permanecer na vila de S. Rosendo, entregou o comando da fortaleza ao capitão Pedro Estevez Ricarte, algures retratado como "militar valoroso e conhecedor da região". Lá conhecedor da região seria ele, visto ser natural de Entrimo, mas militar valoroso... é o que se vai ver.

Logo que o Conde de S. João, que naquele ano governava as armas da província de Entre Dóira e Minho, teve conhecimento dos sucessos ocorridos em Castro Laboreiro, dispôs de algumas tropas para que fossem reaver o castelo, mandando juntamente um emissário bem provido de di-

(Continua na 3.ª pág.)

Chaviães, 25

(Continuação da 2.ª página)

aqueles fins (como para estes tirar no-la y nós era um autêntico roubo — já está dentro de muros e é por isso nossa. Se nós sobrasse era justo repartir com eles. Estamos a reconstruir uma presa nova que nos vai custar muitas centenas de milhares de escudos se nos ripam a água para que gastar tanto dinheiro? Quanto a águas de consumo tem-se cá lugares como o da Portela do Couto que o seu fontanário apenas dá para cada habitante um litro de água em vinte e quatro horas o que não chega para lavar o rosto de cada um e fica relativamente perto da referida nascente. O que lhe vale a peste é que há bastantes tem poços junto de suas casas e é o que tem de fazer os de Paço. Mas os nossos amigos de Paço foram mais longe pois chegaram a trazer um analisador de águas para ver se a água em questão era boa para consumo. Ora foi dinheiro mal gasto porque eu como muitos gastamos água sem analisar. Quer dizer, o estomago e aqueles fidalgo é mais delicado do que o nosso. Ainda bem; sabemos que é boa. Mas o fim não é este — mas a cobertura desta boa qualidade que quem ver se a levam para fins de rega dos campos de Paço. E' nossa e precisamos ainda de mais que vamos explorar junto a esta.

E' um caso mau de roer pois expropriação aqui não cabe porque o Estado está ausente e a polónia digna Câmara não quer gastar aqui tanto dinheiro com um lugar tão pequeno.

Que se virem para o Espadanal e ali resolverão o seu problema com pouco dinheiro e a contento de todos nós e elcs. Temos além de todas as garantias uma Sentença do Tribunal Pleno de Lisboa e naquela época em que a água de Ranhadouro começou a pegar esta freguesia e dada a nosso favor — diz que todas as nascentes superiores à referida presa são nossas.

VIA SACRA — Dirigida pelo nosso Rev. mo Pároco está se realizando nesta Igreja paroquial esta Santa Devorção (a N. S. Jeju) Cristo com regular concorrência de fiéis que no final assistem à Bênção do Santíssimo Sacramento.

FALECIMENTO — No Hospital de Melgaço, onde se achava internada faleceu na passada quinta feira a sra. Teresa Fernandes do lugar do Outeiro. Paz à sua alma. Pediu-se uma prece por ela e presença à sua família. — C.

Notícias locais

Castro Laboreiro — Vão fazer-se aqui mais duas estradas, para se ligarem alguns lugares da nossa freguesia.

Paderne — Começaram já a funcionar as aulas na nova escola que ficou sendo a melhor da concelho. E' um sector esta, em que muito temos progredido, faltando agora, que saibamos, só a escola da vila de Melgaço, para todas as freguesias estarem servidas. No entanto, como já dissemos, vão ser proximamente aumentadas algumas salas em várias localidades.

— De visita às escolas, esteve aqui o sr. Director Escolar.

Peneda — A nova Mesa reuniu aqui pela primeira vez.

— A mesa cassante da presidência do sr. P.e Abel Cerqueira, que dirigia os destinos da Senhora da Penada, gastou aqui em obras, segundo «A Vanguarda», cerca de 500 contos e deixa em caixa 451.000\$00.

— Esteve aqui há dias, o sr. Inspector dos Serviços Florestais, Augusto Machado.

Melgaço — Espera-se aqui em breve mais um ourives, que já está a fazer obras no rez-do-chão da casa do sr. Pedro Gomes. Vem dos Arcos de Valdevez.

— Pelo concelho, tem sido vacinados neste mês, os canídeos, deslocando-se o sr. Dr. Veterinário às várias terras.

— Em todas as freguesias se está a proceder à desobriga dos fiéis, sendo em muitas freguesias bastante elevada a percentagem dos que cumprem. Em alguns, noventa por cento.

— Foi aqui muito sentida a morte de Frei Leão do Sacramento, que nesta terra foi um sacerdote muito escutado nos tríduos e Missões.

Monção — Apareceu aqui pela primeira vez o novo jornal «Notícias de Monção», com excelente aspecto gráfico e dirigido pelo rev. do P.e Fernando Marques, pároco da vila e professor do colégio. Ao novo colega, as nossas saudações.

— A Mesa da Santa Casa de Monção, foi presente o ante-projecto da 1.ª fase do novo Hospital, que orça em 2.096\$00 e a casa mortuária em 175.

Chaviães — Foi aqui muito comentado o falecimento de um chefe de família, ainda novo, que, sentindo-se mal nos últimos momentos da sua vida, mandou chamar para junto de si os seus filhinhos e disse-lhes: — Meus filhos, ajoelhai-vos. Eu vou morrer, não tenhais medo. Rezai ao Senhor pelo paizinho, para que tenha uma santa morte. E no meio das orações de seus filhinhos, deu a sua alma a Deus aquele pai.

S. Paio — No lugar das Cavencas, faleceu, há dias, a sra. Esperança Gonçalves Meleiro.

É INDEFECTÍVEL  
O Patriotismo do Patriarca  
das Índias

Angra do Heroísmo, 10. — Ao passar por esta cidade a caminho de sua terra natal, que é a Ilha do Pico, o rev. P.e José Maria das Neves, que foi secretário do Patriarca das Índias e chefe dos capelães militares em Goa, declarou ao diário católico «A União», órgão da diocese:

— «Relativamente ao Senhor D. José Vieira Alvernaz, cremos que aos Açores terá chegado já a letra dos desmentidos oficiais às atoardas aleivosas que em certo sector da Imprensa e da Rádio foram publicadas. No entanto, cumpre-me defender a verdade, prestigiando a honestidade e portuguesismo indefectíveis do actual Patriarca das Índias.

«Nem pediu a resignação nem a Igreja-lha consentiria. Simplesmente, dado o seu estado de saúde bastante abalado, solicitou uma ajuda para o seu patriarcado, a qual Sua Santidade o Papa João XXIII satisfez, nomeando o Senhor D. José Pedro da Silva Arcebispo coadjutor da Sé Patriarcal de Goa.

«Dados, porém, os acontecimentos políticos, o Senhor D. José Pedro da Silva não chegou a ir para Goa, embora seja «de direito», coadjutor da Sé de Goa, ainda que «de facto» no exercício das suas anteriores funções apostólicas.

«Quanto ao mais, sobre o futuro, é difícil e cedo para emitir juízos definitivos. Valha a prudência e valha o respeito pelas pessoas e os factos dentro da verdade, que a História um dia ajuizará como deve ser. O que desde já deve ficar bem vincado e com firmeza inabalável é que a acção da igreja perante o caso de Goa tem sido exemplar, única e absolutamente digna». — (ANI).